O DESENHO INFANTIL: ANÁLISE NUMA PERSPECTIVA PSICOPEDAGÓGICA

ALINE REIS MANARO DA FONSECA

RESUMO:
O artigo trata sobre a relevância da análise do desenho infantil numa perspectiva psicopedagógica, pois o mesmo pode trazer informações fundamentais sobre as dificuldades de aprendizagem de uma criança, foco do trabalho do profissional da Psicopedagogia. O trabalho teve por objetivo esclarecer as diferenças entre analisar e interpretar o desenho infantil, salientando a importância de aprender a realizar as duas ações com embasamento teórico, com o principal objetivo de compreender o seu significado e observar a sua relação com o contexto pessoal da criança, podendo, desta maneira, auxiliar em sua aprendizagem e, possivelmente, sanar suas dificuldades de maneira mais efetiva. Além disso, objetiva-se preparar e nortear profissionais da área, como psicopedagogos clínicos e institucionais, para situações que possam surgir ao longo de sua jornada profissional. Como fonte primária, o trabalho foi realizado com embasamento teórico na obra da autora Nicole Bédard, "Como interpretar os desenhos das crianças", contando com o complemento dos autores: Evi Crotti e Alberto Magni; E teóricos que apresentam fases do desenho infantil, como Jean Piaget, Marthe Berson e Viktor Lowenfeld. Como fontes secundárias, sites e artigos acadêmicos relacionados ao tema em questão foram utilizados para a realização do trabalho apresentado.
PALAVRAS-CHAVE: Desenho; Criança; Aprendizagem.

INTRODUÇÃO:

O desenho foi a primeira forma usada pelo homem para se comunicar através da escrita e continua sendo a primeira e principal forma de expressão da criança. Buscando o significado da palavra "desenho" no dicionário Aurélio, encontramos: "Representação a lápis, a tinta etc., de objetos e figuras, de paisagens etc." A criança consegue manifestar por meio de seus desenhos, rabiscos e símbolos, todo um contexto que mostra suas dificuldades de aprendizagem, vivências e até traumas. Um profissional da educação bem-preparado é capaz de estimular e auxiliar no desenvolvimento do lado cognitivo, social e emocional da criança, além de criar uma relação afetiva com a mesma. Deixar que o desenho flua normalmente é deixar que ela se desenvolva harmoniosamente com o seu meio e mostre um pouco de seu "mundo". Segundo Crotti e Magni (2011: 3) "Todo desenho é uma expressão da pessoa que o realiza".

Ao desenhar, a criança conta sua história, seus pensamentos, suas fantasias, seus medos, suas alegrias, suas tristezas. No ato de desenhar, a criança age e interage com o meio, seu corpo inteiro se envolve na ação, traduzida em marcas que ela mesma produz, se transportando para o desenho, modificando-o e modificando a si mesma. Com quatro a cinco anos de idade, segundo Nicole Bérdard, a criança escolhe as cores em função da realidade (uma árvore marrom com folhas verdes, por exemplo). Porém, como já dito, por meio do desenho a criança é capaz de expressar seus sentimentos, revelando-nos, muitas vezes, informações importantes que influenciam em sua aprendizagem e em sua vida.

"Na primeira infância, ou seja, entre os dezoito e os vinte e quatro meses, a criança experimenta muito mais do que expressa. Paulatinamente, seus traços orientam-se e vão tomando forma. A criança começa a controlar esse meio e, em seguida, poderá expressar-se através dele. O desenho representa, em parte, a mente consciente, mas também, e de uma maneira mais importante, faz referência ao inconsciente." (BÉDARD, 2003: 8).

O objetivo do trabalho será salientar a importância de aprender a analisar e interpretar o desenho infantil, a fim de entender seu significado e observar sua relação com o "mundo" da criança, podendo, assim, auxiliar em sua aprendizagem e, possivelmente, sanar suas dificuldades. Além disso, objetiva-se preparar profissionais da área, como psicopedagogos, para situações que poderão surgir ao longo de sua jornada. O psico-

pedagogo precisa ter um olhar especialista sobre cada traço, cada símbolo, cada cor que essa criança vai usar, para que possa fazer uma boa análise e trazer benefícios para a aprendizagem da mesma. “Nossa finalidade não deve ser encontrar problemas a qualquer preço, mas captar do modo mais exato possível as mensagens que a criança os transmite inconscientemente através de seus desenhos.” (BÉDARD, 2003: 59).

DESENVOLVIMENTO:

Os desenhos das crianças não só nos contam suas preferências e opções pelas formas, cores e características dos seus traços, como também falam de suas experiências e preocupações. Por meio deles, é possível observar detalhes que para uma pessoa adulta provavelmente passem despercebidos. O desenho, na infância, pode ser um canal de comunicação entre a criança e seu mundo exterior, sendo a primeira porta da qual ela abre o seu interior. Em razão disso, a interpretação do desenho infantil é utilizada por muitos profissionais como psicólogos e psicopedagogos, com o objetivo de entender o que se passa na mente das crianças, ajudando-as em possíveis dificuldades de aprendizagem. Existem muitos casos de problemas que podem, mesmo que parcialmente, serem identificados por meio dos desenhos. Como as crianças muitas vezes não podem ou não sabem explicar o que sentem e o que vivem, o desenho aparece como uma grande ferramenta de apoio para os profissionais da área. Casos de violência, agressividade, de abuso ou de maus tratos, de medos, de ansiedade, das relações familiares, entre outros, podem ser identificados nos desenhos das crianças.

É preciso salientar que a importância do desenho está no seu simbolismo e nas mensagens que ele transmite para quem o interpreta, e não em sua perfeição estética. Com isso, é imprescindível lembrar que não é conveniente obrigar a criança a desenhar. Ela só deve fazê-lo caso sinta vontade, com prazer, e não por exigências do profissional que a acompanha. “Os desenhos permitem-nos incrementar consideravelmente nossos dados sobre o temperamento, o caráter, a personalidade e as necessidades da criança. Assim, ajuda-nos a descobrir e a reconhecer as diferentes etapas pelas quais atravessa.” (BÉDARD, 2003: 59).

Segundo a autora Nicole Bérdard, sem perceber, no momento de desenhar, a criança transporta para o papel muito do que está se passando em sua mente. Os desenhos refletem o mundo ao seu redor, suas relações mais fortes, fatos do passado e do presente, além de dados sobre seu temperamento, caráter, personalidade e necessidades. Todos esses dados podem nos apontar direções futuras. Os desenhos ajudam-nos também a descobrir e reconhecer as diferentes etapas pelas quais a criança está atravessando, os seus problemas e dificuldades, assim como seus pontos fortes. A problematização do trabalho se baseia em como compreender e interpretar estes desenhos e o quão relevante é a relação entre eles e o “mundo” da criança. Nicole Bérdard, em sua obra “Como interpretar os desenhos das crianças”, nos traz com clareza a diferença de conceitos como “análise” e “interpretação”, onde analisar se refere ao enfoque do “técnico”, “racional” e a interpretação corresponde à síntese ou resultado da análise. A interpretação de desenhos está ligada à Grafologia, que é o estudo da personalidade de uma pessoa através da análise da sua escrita manual. Os grafólogos acreditam que a mente, ao controlar os músculos da mão, esconde mensagens nos traços das letras e palavras. A autora afirma que a atividade de desenhar nunca deve se tornar uma imposição, mas sim, acontecer de maneira espontânea, sendo desenvolvida pela criança com prazer. No momento em que desenha, a criança transpõe para o papel suas emoções. A autora também cita sobre os períodos aproximados em que surge o interesse pelo desenho espontâneo, assim como suas principais características. Entre dezoito meses e vinte e quatro meses, ocorre o interesse por rabiscar sobre superfícies grandes, não havendo ainda domínio da coordenação motora, caracterizada nesse momento como sendo rudimentar. Entre dois e três anos de idade, ocorre predomínio da experimentação sobre a expressão. O controle motor continua em desenvolvimento, ocorrendo melhores condições de segurar o lápis com firmeza. Entre três e quatro anos de idade, a crian-

ça começa a se expressar por meio dos seus desenhos e costuma dizer o que pretende desenhar antes de realizar a ação. Uma importante observação que deve ser feita nos desenhos de crianças dos quatro aos cinco anos de idade, que corresponde a faixa etária da criança que realizou o desenho analisado neste trabalho, é que as cores são escolhidas de modo a se adequarem à realidade do objeto que está sendo desenhado. A capacidade imaginativa se faz acentuada nesse período, explicando o interesse pelos contos de fadas.

A reação da criança diante do desenho também traz muito sobre o que deve ser analisado e interpretado:

Quando a criança coloca-se diante do papel, disposta a desenhar, sua
atitude pode não ser sempre idêntica. Algumas vezes começa o desenho
e logo o risca, começando outro no mesmo papel. Noutras ocasiões,
retira o desenho já começado do cesto de papeis. Também pode ocorrer
que trate de limpar os traços que não lhe agradem totalmente. (BÉDARD,
2003: 15).

É importante salientar que todos os elementos que compõem o desenho, bem como os materiais e instrumentos utilizados, influenciam diretamente em sua análise. A escolha do lápis e suas condições, as cores dos materiais, o tipo de papel escolhido para desenhar, bem como sua textura, a orientação espacial, as dimensões, os traços, a força colocada ao desenhar, etc. Todos estes pontos apresentam um significado que terá grande importância na interpretação final do desenho.

Pode-se considerar que um desenho é original quando não coincide com o
que estamos acostumados a ver. [...] A originalidade indica a capacidade
para afirmar as próprias opiniões. [...] A criança com originalidade mostrará
sua criatividade desde a mais tenra infância, enquanto a que está
atravessando um período difícil pode encontrar um modo original de viver
algum tipo de escapatória, razão pela qual, durante certo tempo, o desenho
pode ser de grande utilidade para ela. (BÉDARD, 2003: 29, 30).

De acordo com o teórico Marthe Berson, entre três e quatro anos a criança apresenta o estágio dos desenhos comunicativos, do qual tem vontade de escrever e de comunicar-se com outros. Assim, tenta expressar pelo grafismo o que quer falar. Seu desenho aproxima-se da escrita, buscando símbolos. Encontra como paradigma a identificação pictórica, visual. O traçado surge em forma de dentes de serra, que procura reproduzir a escrita dos adultos. O desenho busca o real. Dessa forma, o desenho atinge sua fase final. Aos três anos a criança agrega uma nova característica a seus desenhos: eles tentam corresponder ao mundo que os rodeia. É importante frisar que na composição das etapas do desenho, elas evoluem não por superposição, substituindo a anterior, mas por agregação, isto é, no momento em que a criança desenha o real, este real representa algo, que pela fala pode ser identificado. "A composição do desenho é a composição da fala inconsciente. Nele, o material psicodinâmico se plasma, se adere. Ao decifrar o desenho, decifra-se, como em um sonho, o desenhista." (BERSON, 2012: 123).

Para Jean Piaget, a criança desenha mais o que sabe do que realmente consegue ver. Ao desenhar, ela elabora conceitualmente objetos e eventos. Daí a importância de se estudar o processo de construção do desenho junto ao enunciado verbal que é nos dado pelo indivíduo. De acordo com Jean Piaget, o desenvolvimento do desenho infantil é dividido em quatro fases: realismo fortuito, realismo gorado, realismo intelectual e realismo visual. O primeiro estágio é denominado Realismo fortuito, que se inicia por volta dos dois anos e subdivide-se em desenho involuntário e voluntário. No primeiro, a criança desenha linhas e rabiscos desordenados, uma vez que ainda não tem consciência de que o conjunto delas passa a representar objetos e não atribui significado a seus grafismos, mas o faz pelo prazer em repetir os gestos em função da atividade motora adquirida. Também conhecida como a fase das garatujas. A organização e o controle do traçado são percebidos aos poucos por ela, havendo uma evolução gradativa que vai dos riscos às formas controladas. No

segundo, a criança desenha sem intenção, porém, percebe semelhanças entre seus traçados e um objeto real, considerando-o de acordo com sua semelhança. Em seguida, surge a intenção, o desejo consciente de desenhar alguma coisa. Entretanto, a interpretação do desenho para a criança pode modificar-se de acordo com os significados atribuídos por ela. Nesse estágio, a criança passa por várias fases de desenvolvimento, explorando seu corpo e espaço.

O segundo estágio é denominado Realismo gorado ou falhado, onde a criança se preocupa em representar cada objeto de forma diferenciada, não integrando o que desenha num conjunto coerente e exagera ou omite partes, por considerar, apenas, o seu ponto de vista. O Estágio pré - esquematismo, que corresponde à idade de 4 a 7 anos e faz parte da segunda metade da fase pré-operatória, é onde há a descoberta da relação entre desenho, pensamento e realidade. A criança começa a representar coisas de sua realidade e a expressar sua fantasia, desenhando vários objetos ou o que imagina deles. Os elementos são dispersos e não relacionados entre si. O uso das cores não tem relação com a realidade e dependem do interesse emocional da criança. "O ato de desenhar envolve a atividade criadora; é através de atividades criadoras que a criança desenvolve sua própria liberdade e iniciativa." (LOWERNFELD, 1977 p: 16).

O terceiro estágio é denominado Realismo intelectual, onde a representação dos objetos é realizada pelo conhecimento intelectual. A criança, de forma consciente, procura reproduzir o objeto, representando o que vê e também o que não está presente, como partes de objetos que não estão visíveis inicialmente, como órgãos sob a pele e móveis através da parede, por exemplo. Outra particularidade desse nível é o uso de legendas nos desenhos para nomear os objetos, o que faz com que o nome passe a ser uma característica essencial do objeto, tal como as suas partes. A criança procura desenhar a partir da noção que tem do objeto e coordena os objetos no espaço, considerando suas posições, distâncias e proporções a partir de uma base de referência. O Estágio Esquemático começa por volta dos sete anos, estendendo-se até os nove. Nesse estágio, a criança desenvolve o conceito da forma e seus desenhos simbolizam o que pertence ao seu meio, de maneira descritiva.

O quarto e último estágio é denominado Realismo visual, onde é considerada a representação visual que a criança tem do objeto, pois a mesma já possui consciência dos objetos que representa e consegue compreender os símbolos. Diferente da etapa anterior, a criança representa os elementos visíveis, abandonando a transparência, havendo, assim, um aprimoramento do sistema do desenho construído no realismo intelectual. Acontece dos nove aos doze anos, aproximadamente. Se anteriormente a criança tinha prazer em realizar desenhos livres e apresentá-los às pessoas, no Realismo, tem preferência em ocultá-los da observação dos adultos, justamente pela consciência que tem de si e de sua sociedade, gerando uma autocrítica que não se manifestava antes.

Há, ainda, mais uma etapa, conhecida como Pseudo Naturalismo, que ocorre dos doze anos de idade em diante, onde há a procura pela identidade e investigação da própria personalidade do indivíduo. Há maior foco no processo do que no resultado e acontece a experimentação de diferentes técnicas e estilos, com uso consciente das cores e a preocupação com as experiências emocionais.

PESQUISA DE CAMPO:

Para a complementação do presente trabalho, foi feita uma pesquisa de campo que consiste na interpretação de um desenho feito por uma estudante de 5 anos de idade, que está matriculada numa Unidade Educacional que atende da Educação Infantil ao Ensino Médio e compõe a rede privada de educação da Cidade de Praia Grande, localizada no Estado de São Paulo. A estudante foi indicada pela gestão da Unidade Escolar para a realização da pesquisa, visto que a mesma apresenta dificuldades de aprendizagem e socialização. O desenho da criança foi analisado com embasamento teórico no livro "Como interpretar os desenhos das crianças", escrito pela autora Nicole Bédard. Após as leituras, comparações e análise do desenho, uma entrevista com a gestão escolar e professora da criança foi realizada,

onde os mesmos contextualizaram sobre o que conhecem da estudante, tanto no âmbito escolar, quanto no âmbito familiar. Também houve um diálogo com a mesma, com a finalidade de ouvir sobre o seu desenho e compreender os elementos do mesmo.

Convidei a estudante para me ajudar no trabalho e ela, prontamente, aceitou. Antes de iniciar, conversamos um pouco sobre as opiniões que a criança tinha em relação à escola, à família e aos colegas. Ela se mostrou bem à vontade e confortável. Procurei deixá-la falar livremente, fazendo interferências apenas quando necessário, a fim de obter mais respostas. Após a conversa, pedi à criança que produzisse um desenho livre. Com um largo sorriso, concordou instantaneamente a realizar a proposta solicitada, o que confirma a teoria de que as

crianças utilizam o desenho como uma linguagem para se comunicarem de forma natural. Conforme orientações do estudo realizado, disponibilizei a ela diversos materiais, como: Diferentes tipos de folha, lápis, giz de cera, entre outros, para que, desta maneira, ela tivesse a possibilidade de escolher quais materiais mais lhe agradassem. Sendo assim, iniciou o seu desenho. Sua atitude ao desenhar foi muito pessoal. Cantarolava algumas palavras das quais não era possível compreender e durante a produção do desenho não se comunicou mais comigo, parecendo estar bastante concentrada na realização da proposta. Ao terminar o desenho, conversamos sobre o mesmo. Ela me deu algumas explicações, sempre muito convicta sobre o que estava dizendo. Agradeci a estudante e fui embora, a fim de analisar e interpretar o seu desenho.

Veremos, agora, segundo a autora Nicole Bédard em sua obra "Como interpretar os desenhos das crianças", o significado dos elementos presentes no desenho e o que ele pode nos dizer sobre o pensamento da criança.

ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DO DESENHO:

É importante frisar que, segundo a autora Nicole Bédard, em sua obra utilizada, para uma avaliação mais detalhada sobre a criança é necessário analisar vários desenhos realizados pela mesma durante um certo período de tempo, pois, em geral, apenas um desenho não é suficiente para avaliar os pontos fortes, as debilidades e as necessidades da criança. A finalidade não deve ser encontrar problemas a qualquer custo, mas sim, observar do modo mais efetivo possível as mensagens que a criança transmite ao profissional por meio de seus desenhos realizados de forma espontânea. Ou seja, o profissional precisa de mais elementos para que, dessa maneira, consiga conhecer um pouco mais sobre o mundo da criança em questão, sendo capaz de realizar uma análise mais eficaz. De qualquer forma, foi realizada a análise e a interpretação do desenho realizado pela criança com base nos materiais utilizados pela mesma e pelas características apresentadas durante a produção do trabalho, que se mostra da seguinte maneira:

Lápis - Ponta grossa (Giz de cera):

A escolha de um lápis que apresenta a ponta grossa denota o tipo de pessoa que, tomada uma decisão, não muda facilmente de ideia. Pode influir sobre os demais, porém, ele mesmo não é muito influenciável. Demonstra um potencial e uma inclinação pelas atividades manuais e físicas.

Papel (Sulfite):

A escolha de um papel fino descobre uma alma com certa sensibilidade, aquela onde a emotividade ocupa um papel predominante.

Orientação espacial (Inferior e central):

O centro do papel representa o momento atual, revelando-nos que a criança está aberta a tudo o que ocorra ao seu redor. A parte inferior do papel informa-nos sobre as necessidades físicas e materiais que a criança possa ter.

Pressão (Traço forte):

Uma boa pressão indica entusiasmo e vontade. E quanto mais forte for, mais agressividade existirá.

O simbolismo das formas (Círculo):

Como qualquer outro símbolo, o círculo pode ter uma interpretação positiva ou negativa. O contexto e a evolução do desenho serão seus determinantes.

Traço (Manchado ou cortado):

Neste traço, há uma espécie de instabilidade entre aquilo que pode ou deseja ter e o que já possui e que lhe dá muita segurança. O que se pergunta é: "Continuará tudo como

antes se as coisas mudarem?" Quer dizer, "a segurança que tenho agora, continuará sempre aqui, independentemente do que mude ao meu redor?".
Reação da criança diante do desenho (Cantando):
Ao desenhar, a criança estava cantando. Segundo a autora, se a criança cantarolar enquanto desenha, isso pode responder a uma necessidade de animar o ambiente, pois o canto, de algum modo, protege contra o isolamento e, ao mesmo tempo, é um modo sutil de atrair e reter a atenção dos demais.
A interpretação das cores (Verde):
No desenho analisado, a criança usou predominantemente a cor verde. Portanto, segundo a autora, a criança que utiliza esta cor com frequência, mostra certa maturidade. Compreende as coisas que são explicadas e em seguida aproveita experimentando-as por si mesma. De natureza sensível e intuitiva, sabe quando mentem para ela ou quando escondem certos fatos.
O Sol (Situado à direita):
Geralmente o Sol aparece nos desenhos da criança com mais frequência do que a lua e as estrelas. Representa a energia masculina e define o nosso lado independente e combativo. O Sol situado à direita do papel revela-nos a percepção que tem a criança a respeito do pai. Um Sol excessivamente radiante pode indicar uma certa tendência à violência verbal ou física por parte do pai. No entanto, um Sol sem raios mostra uma perda de entusiasmo, e talvez de autonomia.
Os animais:
Quando a criança se concentra muito nos desenhos dos animais significa que trata de comunicar-nos uma determinada necessidade. Talvez experimente uma certa dificuldade em
ser compreendida pelos adultos. O tipo do animal desenhado assinalar-nos-á a origem de suas preocupações, verificaremos se as necessidades são físicas, emotivas ou intelectuais.
DIÁLOGO COM A ESTUDANTE:
Ao conversar com a criança sobre o seu desenho, algumas explicações foram dadas por ela. Este diálogo não teve muitos questionamentos, pois a mesma contou todos os detalhes sobre seu desenho, com muita convicção.
O desenho consiste em: Dois animais (mãe e filho) com chifres, ambos chorando e um deles com o corpo coberto de espinhos; Uma poça de água; Dois animais que apresentam apenas corpo e espinhos em volta, chamados de "baratas do mal"; Um Sol, também com espinhos, logo acima da cena.
Em relação aos animais, a criança explicou que os mesmos estão chorando. A "mamãe" (animal maior) chora porque está toda espetada e vê seu filho chorando e o "filho" (animal menor) chora, pois vê a mamãe machucada e vai perdê-la. Eles estão machucados por espinhos. A poça de água logo abaixo ao "filho" representa as lágrimas derramadas pelo mesmo, o que mostra uma grande tristeza e dor do animal. Os outros dois animais que aparecem no desenho, são, segundo a criança, "baratas do mal que soltam espinhos", e que machucaram a mamãe e o filho. As "baratas" não apresentam olhos, boca ou nariz. Apenas o corpo coberto de espinhos, que servem para machucar as pessoas. Questionei apenas sobre o "papai", e ela, rapidamente, disse que o filho não tinha papai.
ENTREVISTA COM A DIREÇÃO DA ESCOLA:
Após a entrevista com a direção da escola, obtive algumas informações sobre a vida escolar da criança, além de acontecimentos dos quais a escola tem conhecimento. Primeiramente, a família da estudante não é muito presente em sua vida escolar, não participando de reuniões, festas, passeios e etc. Apresenta algumas dificuldades de aprendizagem, pois se desconcentra muito facilmente, parecendo estar distraída pensando em algo. Em relação à vida pessoal, segundo a mãe, a criança sofreu abusos sexuais por um parente distante quando era menor. A mãe nunca a levou num profissional para falar sobre o assunto, parecendo ter vergonha de falar sobre o ocorrido. O pai da criança mora em outro país e vem ao Brasil com pouca frequência. Porém, as poucas vezes que foi buscar a estudante na escola, a mesma não apresentou nenhum entusiasmo ao vê-lo, pelo contrário, aparentou ter certo "medo" da maneira como o pai lida com ela. No âmbito de suas relações interpessoais com as outras crianças da Unidade

Escolar, a estudante se envolve constantemente em conflitos, muitas vezes usando de meios físicos para tentar resolvê-los. Já com os adultos, a criança demonstra bastante afeto e gosta de dialogar sobre diversos assuntos.

CONCLUSÃO DA ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DO DESENHO:

Após a análise e interpretação do desenho da criança, pude encontrar nele algumas evidências que se assemelham com a história de vida da mesma. Foi possível concluir que há diversas informações que condizem com a análise realizada. A criança, segundo a mãe e a Unidade Escolar, teve uma infância conturbada, e este fato mostra que a criança tem personalidade sensível, porém, pode apresentar agressividade. Na análise de seu desenho, onde é possível ver animais chorando, fica evidente que criança apresenta alguma tristeza em seu interior, mostrando também que está muito ligada à sua mãe, pois as personagens do desenho choram ao ver que ambos estão machucados, demonstrando preocupação e carinho mútuo. Em relação à figura masculina, pude encontrar relações na figura do Sol, que, como descrito na definição dos elementos do desenho, está fortemente ligada à relação que a criança tem com seu pai. Segundo informações sobre a criança, a relação entre ela e seu pai não é muito boa, pois o mesmo não mora no Brasil e, quando está aqui, não demonstra carinho pela menina. Há certo sentimento de medo da criança em relação ao seu genitor, mas não foram dadas maiores informações sobre a causa deste sentimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Ao realizar este trabalho, percebi o quanto este simples desenho, feito sem exigências, pôde me mostrar sobre o interior da criança em questão. Pude concluir que muitos fatos, sem dúvidas, contribuem para as dificuldades de aprendizagem que esta estudante apresenta. Uma relação conturbada com a família e casos de abuso sexual na infância, por exemplo, certamente são ocorrências que deslocam o emocional de uma criança, contribuindo para sua falta de sucesso na aprendizagem. Como psicopedagoga, poderia dar continuidade neste caso, solicitando à estudante que faça mais desenhos, a fim de serem analisados novamente. Após isso, um diálogo com os responsáveis da criança é fundamental para poder compreender um pouco mais sobre o que sucede na família. Um acompanhamento psicológico também é importante, tanto para a criança, que apresenta indícios de medo e insegurança, quanto para a sua mãe, que claramente sente-se envergonhada pelo o que ocorreu no passado com sua filha.

Um tratamento baseado no diálogo e em desenhos é muito efetivo, pois, desta maneira, a criança poderá confiar numa pessoa que não faz parte de sua família e nem de seu convívio escolar, percebendo que estou ao lado dela para ajudá-la a aprender com mais facilidade.

Assim, poderá conversar ou até mesmo desenhar sobre os seus sentimentos, deixando de lado sua insegurança e medo. Essa confiança será a base de um resultado satisfatório. Pude concluir que a interpretação e análise do desenho infantil têm realmente muito a nos dizer sobre o "mundo" de uma criança. Este recurso pode ser utilizado em avaliações psicopedagógicas, pois é algo que as crianças, na maioria das vezes, sentem prazer em fazer, facilitando o processo do trabalho e trazendo resultados positivos na busca de soluções para as dificuldades de aprendizagem, por exemplo. Além disso, pode ajudar o profissional a indicar os melhores caminhos para os responsáveis e para a própria criança, a fim de encontrarem um desfecho para as questões que buscam solucionar.

Após a realização do trabalho, foi possível concluir que pensar no desenho infantil constitui-se num grande desafio, quando percebemos que ele pode nos mostrar tantos sentimentos importantes que a criança carrega em seu interior. O grafismo é o meio pela qual ela manifesta sua expressão e visão do mundo, o exercício de uma atividade imaginária, que se relaciona com os seus mais profundos sentimentos. O desenho infantil é um universo cheio de mundos a serem explorados e cabe a nós, profissionais da área, buscarmos entender e interpretar esse recurso tão significativo e prazeroso para as crianças, com a finalidade de auxiliá-las em suas dificuldades, para que assim,

possam superá-las, buscando seu sucesso pessoal e futuramente profissional.

REFERÊNCIAS

ALEXANDROFF, Marlene Coelho. Os caminhos paralelos do desenvolvimento do desenho e da escrita. 2010. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-6954201000020000 3. Acesso em 17 de Fevereiro de 2016.

BÉDARD, Nicole. Como interpretar os desenhos das crianças. Isis. 2003.

CROTTI, Evi. MAGNI, Alberto. Garatujas, rabiscos e desenhos – A linguagem secreta das crianças. Isis. 2011.

DICIONÁRIO AURÉLIO ONLINE. Disponível em: http://www.dicio.com.br/desenho/ . Acesso em 18 de Agosto de 2015.

GOULART, I. B. Piaget: experiências básicas para utilização pelo professor. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

GUIA INFANTIL. Como interpretar os desenhos da criança. Disponível em: http://br.guiainfantil.com/desenho-infantil/210-como-interpretar-os-desenhos-das-crian cas.html Acesso em 18 de Agosto de 2015.

IANA, Muniz. A neurociência e as emoções do ato de aprender. Via Litterarum. 2012. 11

LOWENFELD, V. e BRITTAIN, W.L. Desenvolvimento da capacidade criadora. São Paulo: Mestre Jou. Trad. Álvaro Cabral. Primeira Ed. 1947. 1977.

LUQUET, G. H. Arte Infantil. Lisboa: Companhia Editora do Minho, 1969.

MOGNOL, L. T.; SILVA, M.K.; PILLOTTO, S.S.D. Grafismo infantil: linguagem do desenho. Revista Linhas, Florianópolis, v. 5, n. 2, 2004. Disponível em: https://revistas.udesc.br/index.php/linhas/article/view/1219/1033 Acesso em 14 de janeiro de 2025.

ANEXO 1

